

57-

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

O DISTRITO DOS MECÂNCIOS EM CAMPINA GRANDE
(1980 - 1992)

Francisco Alves Costa Neto

ORIENTADORA: Maria da Guia Garêis

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
- 1992 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

SEDTIR.

O DISTRITO DOS MECÂNICOS EM CAMPINA GRANDE
(1980 - 1992)

Monografia apresentada a banca examinadora composta pelos professores Josemir Camilo, Maria da Guia Garéis e Aluizio Franco Moreira, conforme exigência de conclusão de Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal da Paraíba - Campus II.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

- 1992 -



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

À todos os mecânicos que desenvolvem os mais variados tipos de serviços prestados à comunidade, dentro do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande.

AGRADECIMENTOS

- à Joana Alves Rodrigues e Janice Alves Rodrigues
- À todos os professores de História, do Campus II da Universidade Federal da Paraíba, que durante quatro anos estiveram juntos no processo de formação da minha profissão.
- À minha orientadora Maria da Guia, pelo crédito de confiança em mim depositado.
- À Santina Ribeiro do Nascimento, pelo apoio moral extra acadêmico.

Í N D I C E

	Pags.
DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	
APRESENTAÇÃO	
INTRODUÇÃO	10
I. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INDUSTRIAL DO NORDESTE	12
1. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INDUSTRIAL DO NORDESTE...	13
2. O CRESCIMENTO INDUSTRIAL DA PARAÍBA	18
3. O PLANO DE AÇÃO DO GOVERNO EM FAVOR DA INDÚSTRIA PA- RAIBANA - O PLANAG (1975 - 1978)	20
4. A INDÚSTRIA EM CAMPINA GRANDE	24
II. CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO DOS MECÂNICOS DE CAMPINA GRANDE	27
1. O DISTRITO DOS MECÂNICOS: CRIAÇÃO E EXPANSÃO.....	28
2. AS OFICINAS	32
3. A PRODUÇÃO DESENVOLVIDA NO DISTRITO DOS MECÂNICOS...	36
4. OS OPERÁRIOS NO DISTRITO DOS MECÂNICOS	39
5. A RELAÇÃO ENTRE PEQUENOS PROPRIETÁRIOS E EMPREGADOS NO DISTRITO DOS MECÂNICOS	40
III. A REALIDADE POLÍTICA E SOCIAL DO DISTRITO DOS MECÂNI- COS NOS DIAS ATUAIS.	41
1. PROBLEMAS ENFRENTADOS PELO DISTRITO DOS MECÂNICOS NOS DIAS ATUAIS	42
2. A VIDA POLÍTICA NO DISTRITO: A ASSOCIAÇÃO DOS MECÂ- NICOS DE CAMPINA GRANDE.....	45

3. AS OFICINAS FORA DO DISTRITO DOS MECÂNICOS	49
4. CONCLUSÃO	50
ANEXO: DISTRITO DOS MECÂNICOS EM FOTOS.....	52
NOTAS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

APRESENTAÇÃO:

A elaboração desta monografia sobre "O Distrito dos Mecânicos em Campina Grande - 1980 - 1992", partiu principalmente da facilidade que poderia existir entre o pesquisador e o seu objeto de estudo.

Sendo eu, parte de um grande número de estudantes vindo de outras cidades e que estudam em nossa universidade (UFPB), encontraria logo de imediato uma grande dificuldade em trabalhar um tema que me colocasse como um profundo conhecedor da extensa área que forma a cidade de Campina Grande.

Através de conversas com a professora Maria da Guia, tomei conhecimento que existia dentro da imensa Campina Grande, uma pequena comunidade que tinha uma grande importância na vida econômica de Campina Grande. Era o Distrito dos Mecânicos; que logo tornou-se o meu objeto de estudo.

Com o início das pesquisas, verifiquei que o objeto de estudo não só me trazia a facilidade de assistir diretamente as fontes (por ser bem concentrado geograficamente), como também me dava a oportunidade de produzir um trabalho original sobre um local que a partir da sua criação (1980), vem desenvolvendo toda uma rica história de luta, trabalho e dedicação dos seus agentes propulsores.

No Distrito dos Mecânicos há espaço para a aplicação de trabalhos científicos como o do sociólogo, do economista, do contador, o político e; principalmente para a atuação do trabalho de um pretense historiador.

Pretendo com isso afirmar, que desenvolver um trabalho sobre o "Distrito dos Mecânicos", não é tarefa única de um só profissional. Mais precisamente de um economista, devido o seu forte teor de produção industrial. Mas, pode ser objeto de estudo de outras ciências.

Não se quer aqui produzir um trabalho de cunho positivista. Re tratando o processo de formação e desenvolvimento do Distrito dos Mecânicos de forma factual, detalhista; sendo ligada à forte figura de líder -

res e personagens ilustres. Nem muito menos, procurar fazer um trabalho que traga à tona a importância única e exclusiva do setor econômico como elemento determinante para o desenvolvimento da comunidade do Distrito dos Mecânicos, como profetizam os marxistas ortodoxos.

Quando falei em agarrar firmemente aos avanços conseguidos pela História, significou tomar uma posição coerente que torne verdadeiramente científico todo o processo de investigação, de crítica interna e externa dos documentos, da conversa sincera com as fontes quando todos estes dados recolhidos forem postos no papel. Significa também tentar fazer um trabalho que reúna as mais variadas verdades encontradas durante o processo de investigação. Já que o historiador não pode criar uma verdade que venha esconder realmente o que está contido na fonte. Se as fontes mostram claramente que desde a criação do Distrito dos Mecânicos, que se tem uma luta entre proprietários das oficinas e os operários contratados, não posso de forma alguma elaborar um trabalho de cunho positivista. Logicamente, que mostrarei uma história com uma luta de "classe". (Mesmo) sendo esta, o principal argumento do Marxismo. *

Como pesquisador, tentei me colocar de forma mais eclética possível. A abordagem do processo de criação e desenvolvimento do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande, se fez de modo em que o leitor consiga tirar um mínimo de historicidade do fruto das minhas investigações. Partiu do pressuposto de que tudo que o homem fez é História. E, principalmente com respeito fonte às expressões mágicas dos documentos, procurando mostrar todas as adversidades encontradas durante a pesquisa.

Para que eu pudesse elaborar essa produção monográfica, foram feitas várias entrevistas com proprietários e operários de algumas oficinas do Distrito dos Mecânicos, e com membros da Associação dos Mecânicos de Campina Grande. Aplicação de questionários em várias oficinas e com o Sr. Manoel Enéas de Figueiredo (Um dos líderes do movimento de retirada das oficinas do centro da cidade). Examinei também o relatório apresentado como resultado das discussões entre os cooperantes do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social: Bernardo Garéis, Humbert Stinn e Karl Holiaz Stecher, realizado em 1988.

Para melhor visualização da realidade apresentada sobre o Dis
trito, foram anexadas fotos de algumas oficinas e a especialização do
seu trabalho mecânico.

INTRODUÇÃO:

"O Distrito dos Mecânicos em Campina Grande - 1980 - 1992", é um trabalho que procura enfatizar todas as partes que forma o mundo de atividades mecânicas desenvolvidas dentro do Distrito.

Através de uma abordagem histórica se procurará fazer com que o leitor possa conhecer o que significa o Distrito dos Mecânicos em Campina Grande. Desde a a sua criação até a sua realidade atualmente observada. É a oportunidade de pela primeira vez se trazer até o mundo da leitura, uma abordagem mais ou menos completa do verdadeiro mundo que é o Distrito dos Mecânicos. A sua área, as suas oficinas, a sua produção, a situação dos mecânicos, a sua vida política, as suas dificuldades, os seus aspectos positivos, enfim, tudo que envolve a comunidade do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande como um todo.

Isso se faz necessário, até mesmo como uma oportunidade de registrar para a história de Campina Grande todo o caminho percorrido por esse setor mecânico da indústria regional, como forma de mostrar claramente a sua importância enquanto força produtora de atividades mecânicas para a economia campinense e até mesmo de todo o estado da Paraíba.

Desde a sua criação, que o distrito vem acumulando forças para o setor mecânico da indústria campinense. As atividades mecânicas antecedem até mesmo ao ano de 1980; em que foi criado a distrito. Mas, é a partir da concentração das atividades mecânicas num espaço localizado, que se tem uma nova fase para a história dos mecânicos de Campina Grande. Uma história de resistência, de luta, de construção e aprimoramento das atividades mecânicas e das práticas políticas que viessem propiciar um melhor condicionamento interno da sua produção.

Para uma melhor contextualização histórica, o trabalho foi dividida em três partes ou três capítulos diferentes.

O primeiro capítulo, denominado "Desenvolvimento Econômico e Industrial do Nordeste", se propõe em fazer uma pequena abordagem da vida econômico-industrial do Nordeste, mas precisamente do seu recente desen -

volvimento alcançado a partir dos anos de 1960.

Isso se faz necessário para que se possa encaixar a realidade de criação e desenvolvimento do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande, dentro de uma conjuntura econômica mais abrangente. Verificando a situação da economia e da indústria da região nordestina nos anos que antecederam a criação do Distrito dos Mecânicos.

A partir dessa contextualização da economia nordestina, o trabalho procura delimitar-se ao crescimento industrial da Paraíba e à situação da indústria em Campina Grande. Mostrando no item técnico do capítulo, a importante política econômica efetivada durante o governo de Ivan Bichara - 1975 - 1988, em favor da indústria paraibana. A abordagem se constitui com o mesmo sentido de contextualização das idéias sobre a situação da indústria local, para que se possa adentrar no tema propriamente dito.

O segundo capítulo, denominado "Criação e Desenvolvimento do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande", procurei mostrar o verdadeiro mundo que constitui a comunidade mecânica em Campina Grande.

O trabalho não tem nenhuma pretensão de esgotar todo o conteúdo. Se preocupará mais precisamente em construir uma abordagem histórica da vida econômica, social e política encontrada dentro do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande.

O último capítulo se dedica ao aspecto social e político da total realidade em que se encontra o Distrito dos Mecânicos nos dias atuais. Seus problemas e carências do dia a dia.

CAPÍTULO I: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INDUSTRIAL
DO NORDESTE

1. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INDUSTRIAL DO NORDESTE:

É certo que a região do Nordeste brasileiro não é a mesma das ricas e fantásticas plantações canavieiras dos séculos XV e XVI. Nem produz um valor quantitativo de capital comparado ao da era dos grandes cafezais da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do nosso século. Mas, ainda continua ocupando uma relevante posição dentro da economia nacional(1).

A agricultura, a indústria e o forte comércio de forma direta com o exterior, dão ainda a força necessária à economia nordestina, para que ela possa resistir aos tempos de crise.

Os aspectos da economia nordestina após a segunda grande guerra mundial não eram nada satisfatórios. Com uma área que se estende do Maranhão à Bahia, com cerca de 1,3 milhão de km², o Nordeste brasileiro chegava ao ano de 1950 com uma população de 18 milhões de habitantes. A renda gerada pela região nordestina corria em torno de tão somente - 16,5% da renda nacional().

Esse pequeno resultado talvez possa ser explicado pela complexidade que envolve a região nordeste. Esta sempre foi uma região diversificada internamente. Suas sub-regiões se diferenciam pelo clima, vegetação, atividades econômicas típicas, grau de urbanização, aspecto demográfico, etc.

A agricultura nordestina, com o seu conhecido universo de "pólos opostos", veio sofrendo profundas implicações sobre a contornação econômico-social da região. Os dados das pesquisas realizada pelo IBGE em 1950, mostram que na Paraíba, em Pernambuco, Alagoas e Sergipe, 50% ou mais dos estabelecimentos eram de menos de 10 hectares. Enquanto em Minas Gerais ou Rio Grande do Sul, esses mesmos estabelecimentos não chegavam a 20%(2)

Outro aspecto interessante que também divergiam notadamente as sub-regiões nordestinas, era no tocante ao destino da produção. Havia, grandes áreas fundamentalmente ocupadas por atividades de exportação. Ha-

via outras organizadas em função do mercado nacional. E um número de zonas amplamente distribuídas pelo nordeste, onde predominava a produção para o autoconsumo. Apenas 25% do seu produto era exportado. Sendo tais exportações, reorientados em favor do mercado centro-sulino.

No período pós guerra, a infra-estrutura de transportes e energia também apresentava graves problemas. A decadência alcançava os sistemas de cabotagem e ferroviários. O sistema rodoviário apresentava problemas de forma mais singular. Havia uma diversificação entre o interior semi-árido e a parte litorânea da região.

No interior, devido a rarefação da atividade econômica e a natureza dos produtos comercializados (algodão e gado), encontrava-se o possuidor de uma vasta rede de estradas. O mesmo não acontecia na parte litoral da região. O transporte de cargas dos produtos sofria um grave problema, devido as precárias condições das estradas(3).

Quanto às exportações primárias, o nordeste viria a reassumir no período pós-guerra, a sua posição de supridor marginal de açúcar, especialmente algodão. Mas, procurava ainda sustentar suas exportações de cacau e explorar ao máximo novas oportunidades vindas com o sisal.

A crise da economia nordestina entre os anos de 1950 a 1960 parecia trazer uma deterioração global. Além desses problemas citados e que há muito vinham determinado o empobrecimento relativo da região, entravam em cena dois fatores de conseqüências verdadeiramente nefastas para a economia regional. A política cambial do pós guerra; e a seca de 1951-1953 (4):

A política cambial estabelecida no pós-guerra castigava as exportações, através da alta de preços, colocando vários artigos de exportação numa situação desesperadora. Se constituía na verdade, como um mecanismo de transferência de recursos da agricultura de exportação para a indústria que emergia rapidamente. No Brasil como um todo, tendia a haver uma transferência de recursos das regiões pobres para o pólo industrial em formação.

Como se não bastasse a forte perda nas exportações, a região

nordestina se vê diante de uma terrível seca que começa em 1951 e só vai terminar em 1953. A seca colocava em colapso a agricultura de subsistência, já que a agricultura de exportação já havia cecebido o seu castigo através da política cambial. Os resultados logo foram observados. Acelerou-se o movimento de migração para o centro-sul. Não só de mão-de-obra como também de capitais que procuravam perspectivas lucrativas de aplicação de seus investimentos. Realidade que a região nordestina parecia não oferecer no momento(5).

Com a criação da SUDENE em dezembro de 1959, tem início uma série de projetos que tentarão elevar a situação da economia nordestina. Em 1961 é aprovado o I Plano desse órgão executor, que visa particularmente colocar a região nordestina dentro de uma industrialização modernizante. Seria como colocar o Nordeste lado a lado com o desenvolvimento alcançado pela região centro-sul.

Com o desenrolar dessa nova fase industrial, observamos claramente uma diminuição no valor da transformação industrial do setor têxtil tradicional. Ainda em 1962, esse setor e o de produtos alimentares, eram responsável por cerca de 57% do valor da transformação industrial na região. Com estimativas mais recentes, observamos um valor de apenas 23% de recursos a serem aplicados na indústria por parte desses setores(6).

Os planos da SUDENE são de impulsionar a indústria nordestina. Conseguir tirar o parque industrial do Nordeste de sua marcada atrofia no setor manufatureiro, colocando-o em busca do tempo perdido.

A partir de 1968, nos projetos aprovados, existe um maior peso da indústria química. Somente esse setor é maior do que a soma do setor têxtil com o setor de produtos alimentares.

Na verdade, se tem a partir da década de 1970, a entrada progressiva de uma nova geração de empresas no Nordeste.

Apesar do forte poder de investimentos de modernização muitos deles resultam na diminuição de empregos ofertados. Sendo frágil o efeito direto que pode ter a "moderna industrialização" sobre o mercado regio

nal do trabalho. Por outro lado, conseguiu abrir espaços para a notável expansão do setor bancário. E, também, a proliferação de novos serviços de reparo e manutenção de veículos e demais bens de consumo duráveis e de propaganda, etc.

Poderíamos mostrar o início da arrancada do setor dinâmico dentro da nova indústria nordestina, até mesmo comparando o crescimento industrial do Nordeste no período de 1950 a 1960.

TAB.1 CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA NO NORDESTE

ATIVIDADE	1950		1960	
	VALOR DA TRNSF. INDUST	%	VALOR DA TRANSF IND	%
Textil	1.538.137	35,61	1.865.943	24,17
Produtos Alimenta <u>res</u>	1.889.161	43,71	2.768.951	35,86
Mat. de Transporte	6.656	0,16	62.508	0,81
Mecânica	6.849	0,17	24.816	0,32
Vestuário	78.616	1,83	172.661	2,24
Metalurgica	74.374	1,73	160.584	2,08
Química	243.512	5,65	1.320.188	17,10
Minerais não metálicos	231.484	5,37	629.133	8,15
Papel e Papelão	20.019	0,147	135.146	1,75
Produtos de Madeira	48.184	1,13	256.531	3,32
Couros e Peles	86.358	2,00	177.752	2,30
Editorial e Gráfica	93.328	2,17	146.390	1,90
TOTAL	4.316.678	100,00	7.720.603	100,00

FONTE: CENSO DO IBGE.

Comparando os valores apresentados na tabela, observamos claramente o início da perda em percentagem do setor têxtil da indústria nordestina. Caindo de 35,61 do seu valor de transformação industrial em 1950, para 24,17 em 1960. Isso significa que durante dez anos de crescimento paulatino da indústria nordestina, esse setor perdeu 11,44% do seu

valor industrial, como pode ser observado na Tabela nº 1.

O mesmo não acontecia com o novo setor dinâmico da modernizante indústria regional. Como no caso do setor químico que teve um crescimento nesse intervalo de tempo na ordem de 11,73%.

Na verdade, os objetivos dos planos ambicionados pela SUDENE eram revisados no sentido de melhor fortalecer o desenvolvimento recente do Nordeste. A cada plano se procurava rever as condições em que se postava a diversa atuação da indústria Nordeste.

2. CRESCIMENTO INDUSTRIAL DA PARAÍBA:

O processo de industrialização do Estado da Paraíba sofreu um forte retardamento. Como forte região de produção agro-exportadora, a Paraíba vem constituir os seus primeiros núcleos industriais em princípios do século XX.

A indústria textil aparecia dentro do contexto econômico da Paraíba. Duas comunidades típicas do trabalho industrial se desenvolviam em torno desse setor de produção, Santa Rita e Rio Tinto.

A comunidade de Santa Rita se desenvolveu industrialmente a partir do estabelecimento, nas terras de antigos engenhos, da Companhia de Tecidos Paraibana, mais conhecida como Fábrica Tibiny.(7)

Quanto à comunidade de Rio Tinto surgiria em 1924 como comunidade industrial a partir do estabelecimento, nas varzeas do antigo engenho da preguiça da Companhia de Tecido Rio Tinto, do grupo (Casas Pernambucanas) Lundgren, que se fortaleceu grilando as terras dos índios, devastando as matas vizinhas para as fornalhas da fiação. Dessa forma, logo formou-se a cidade que se destacou como das mais prósperas industrialmente do Estado.

Ao longo da década de 1960 o setor industrial contribuiu com menos de 10% para a formação da renda interna do Estado. A contribuição da Paraíba à formação da renda industrial do Nordeste atingiu apenas 7,4%. Os números mencionados são suficientes para mostrar o fraco desempenho do setor industrial paraibano nos anos sessenta e o seu grau incipiente de industrialização.

A partir de 1970, os estímulos fiscais e financeiros da SUDENE alteraram de modo positivo o perfil industrial da Paraíba. Praticamente dividida em dois importantes polos, o da indústria tradicional (textil, couro, peles, agro-indústria, etc), e o ramo dinâmico (papel, papelão, químico, farmacêutico, borracha e metalúrgico), a indústria paraibana tentava se agarrar ao máximo nos investimentos governamental e ocupar uma posição de destaque dentro da economia regional(8).

O setor têxtil da indústria paraibana é de bastante peso econômico. A Paraíba tem uma longa tradição têxtil, sendo grande parte da população obreira, vocacionada para essa atividade.

Na verdade, o valor da produção e da transformação industrial do setor têxtil paraibano, apenas só é superado, a nível regional pelo do Ceará.

Quanto à atividade industrial de couros, peles e artefatos de couro, o estado da Paraíba teve a sua indústria passando por um período de estagnação e depressão, sobretudo durante os anos que seguem a 1960. A Paraíba reduziu quase à metade o seu número de empresas. Fatores como deficiências gerenciais, desatualização tecnológica, tamanho inferior ao mínimo econômico de muitos costumes explicam o por que do momento depressivo que passou essa atividade.

O setor agro-industrial paraibano tem no abacaxi e na banana, uma melhor condição de aproveitamento industrial. Além de garantir a ampliação do mercado produtor, favorece a tendência de interiorização do processo de industrialização.

3. O PLANO DE AÇÃO DO GOVERNO EM FAVOR DA INDÚSTRIA PARAIBANA. (PLANAG)

1975 - 1978

Durante o governo de Ivan Bichara Sobreira, no período de 1978, houve uma preocupação em se elaborar um verdadeiro plano que permitisse cumprir alguns princípios básicos de desenvolvimento dos setores diretamente ligados à produção - agricultura e Indústria.

*falar a
a esq*

O Estado da Paraíba passava por uma profunda crise na sua vida econômica. O plano objetivava atingir diretamente esta estagnação de forma que impulsinasse a um melhoramento nos resultados lucrativos da produção econômica do estado.

O plano foi elaborado sob o patrocínio da FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos, da Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Contando com o assessoramento técnico da SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste(9)

Referente especificamente à indústria, o plano de Ação do Governo (PLANAG), se preocupava em atuar diretamente nos seguintes setores:

01 - Ampliação e Complementação dos Distritos

INDUSTRIAIS - A meta principal era conseguir ampliar a oferta de lotes industriais aos novos empreendimentos a serem instalados na grande João Pessoa e em Campina Grande.

- Aumentar o ritmo de implantação de empresas industriais e, conseqüentemente, do emprego e renda;
- Melhorar as condições de suprimento de serviços públicos e infraestrutura aos empreendimentos que já estão funcionando ou que virão a ser implantados.
- Contribuir para um mais racional uso do solo, dentro das diretrizes de planejamento de organização do espaço urbano.

Esses principais objetivos do plano para o melhoramento dos distritos industriais de João Pessoa e de Campina Grande, partem do princípio da grande implantação desses estabelecimentos industriais, nessas duas grandes cidades. Sendo que os distritos já estão com elevado grau de comprometimento de suas áreas úteis, forçando a sua ampliação. Além disso, a aglomeração do setor industrial de uma cidade, segundo os argumentos do PLANAG, "tanto proporciona economia externa e de aglomeração, como evita as fricções de coexistência das indústrias com as unidades residenciais e comerciais." (x)

A execução dessa parte do plano foi encarregada aos órgãos da CINEP, SAELPA, CAGEPA e TELPA. Com um recurso de financiamento oriundo do Estado, FDPI, BNH, BNB e BNDE.

Outro projeto de importante aplicação para um melhor desenvolvimento da indústria paraibana era o que concedia diretamente.

02 - A Construção de Galpões Multifabris.

O objetivo principal desse projeto era o de promover a instalação adequada de pequenas e médias industriais,. Além desse principal objetivo, encontravam-se outros, como a necessidade de ampliar a oferta de estímulos à atração e fixação de novas pequenas e médias indústrias. Isso, através de um incentivo diferencial em relação aos demais estados nordestinos. Conseguir ampliar a renda e o emprego industrial na Paraíba. Promover o aumento da produção e de produtividade de pequenas e médias indústrias. Interiorizar, assim, o processo de industrialização.

De acordo com o PLANAG, os objetivos desse projeto não fogem aos interesses consagrados pela política nacional, segundo as diretrizes tomadas pelo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND); Assim como este, os tais objetivos do projeto, pretendidos pela política estadual, voltam-se para fortalecer a pequena e a média empresa.

Na verdade, o projeto não pretendia de forma alguma, assustar ou ir de encontro à política nacional de industrialização proporcionada

pelo governo federal militar. Apenas ajudava-o às peculiaridades e necessidades fundamentais do estado e da região.

Esse projeto foi encarregado para ser executado pela CINEP. Sendo os recursos de financiamento oriundos do Estado, SUDENE, FDPI, BNDE e BNB. A localização atingida seria João Pessoa, Campina Grande, Patos, Sousa e outros pólos.

Além desses dois projetos mostrados referente à indústria paraibana, outros mais foram elaborados como plano de ação do governo Bichara no sentido de dar nova vida ao setor industrial da economia paraibana. Pode-se citar alguns como:

03 - Implantação de Novas Áreas e Distritos Industriais.

Esse projeto atuaria no sentido de complementar a infraestrutura industrial dos maiores centros urbanos que tenham vocação industrial no interior do Estado. Promovendo um desenvolvimento industrial mais descentralizado e especializado, através de ofertas relativamente iguais de infraestrutura por regiões do Estado.

04 - Desenvolvimento de Ramos Prioritários .

Objetivava complementar com estímulos diretos o apoio às atividades industriais de maior significação econômica e social para o Estado, através da instituição de Fundo Especial aplicável como investimento para implantação, expansão, modernização e/ou realocização de unidades empresariais eleitas, sob a forma de participação econômica e/ou empréstimos.

05 - Promoção de Investimentos

Atuaria no sentido de identificar oportunidades de investimentos na indústria. Realizando estudos e pesquisas que demonstrassem a existência de condições para novos investimentos. Pretendia também esse projeto, atrair e/ou desenvolver iniciativas para a implantação de novos empreendimentos industriais adequados às potencialidades e necessidades do sistema econômico estadual.

O PLANAG partiu do pressuposto de que um programa da industrialização deveria conter, como elemento fundamental, a promoção de investimentos, sem o qual, o esforço governamental para desenvolver o setor industrial certamente seria infrutífero. Fazia-se necessária a divulgação das principais potencialidades, vantagens, estímulos e ofertas que o estado oferece ao investidor. Auxiliando o processo decisório privado no sentido de localizar na Paraíba, posteriormente, o alvo de seu interesse e suas inversões de capital. (10)

4. A INDÚSTRIA EM CAMPINA GRANDE

A cidade de Campina Grande é hoje considerada a maior do interior do Norte Nordeste do Brasil. É dona de uma população que corresponde a 350.000 habitantes, sendo a maioria dessa população distribuída na zona urbana da cidade. — *data ex* *

Com uma área de 970 km², a cidade de Campina Grande polariza o setor conhecido como "compartimento da Borborema, composta de 5 micro-regiões.

Fundada por Teosodio de Oliveira Lêdo, nos fins do século XVIII, Campina Grande tornou-se politicamente emancipada em 1864(10).

A partir de 1910, Campina Grande iniciava o novo século já conhecendo o poder da estrada de ferro. A sua posição geográfica privilegiada trouxe a oportunidade de ser financiada pelo capital estrangeiro, favorecendo assim a uma melhor articulação do seu comércio atuante: o algodão. *Verif* *

Campina Grande tornou-se uma das maiores cidades comerciais do Nordeste, chegando até mesmo a competir no mercado internacional com a exportação do seu produto.

As atividades industriais em Campina Grande começaram a se desenvolver em princípios do século XX. O beneficiamento e prensagem do algodão eram a base desse trabalho industrial.

Somente a partir de 1940 é que se verifica um maior impulso no crescimento industrial em Campina Grande. Houve uma grande concentração industrial nos setores têxtil de óleos vegetais, curtume, algodão e papel. Sendo boa parte desses produtos ora destinada à exportação. *forz* ↙

Até fins da década de 1960, o complexo fabril de Campina Grande era constituído por indústrias ligadas aos tradicionais ramos (têxtil, couro, alimentos, bebidas, mobiliário, papel e papelão). Sendo de muito pouca expressão os estabelecimentos no setor mecânico e metalúrgicos (12).

O Distrito Industrial de Campina Grande foi implantado na segunda metade da década de 1960. Ali, se reuniu um considerável número de empresas locais e de outros centros. Vale salientar, que nesse mesmo período foram criadas os incentivos fiscais e financeiros do governo federal, administrados através da SUDENE.

O setor industrial é uma demonstração do grau de desenvolvimento alcançado por Campina Grande. É hoje a sede da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba - FIEP - congregando todas as atividades industriais do Estado (13).

Campina Grande, chega aos anos de 1960 com um significativo número de estabelecimentos industriais, conforme dados a seguir.

TABELA 2. ESTABELECEMENTOS INDUSTRIAIS EM CAMPINA GRANDE - 1960.

Nº DE ESTABELEC. INDUSTRIAIS	PESSOAS OCUPADAS	VALOR DA PRODUÇÃO (MIL CRUZEIROS)
209	2.974	2.229.397

FONTE: IBGE - SENO DE 1960

No setor mecânico a cidade de Campina Grande contava em 1960 com 03 estabelecimentos mecânicos. A cidade de Areia concentrava os 02 restantes números de estabelecimentos.

TABELA 3. ESTABELECEMENTOS MECÂNICOS DA PARAÍBA - 1960

CAMPINA GRANDE	AREIA	TOTAL
03	02	05

FONTE: I B G E - Seno de 1960

for
o que ha antes de 6

A cidade de Campina Grande, através desses incentivos financeiros e fiscais alcançou um grande desenvolvimento industrial. Sendo considerada pela SUDENE, como uma das cidades mais industrializadas do Nordeste no período de 1960 a 1970.

Os setores da indústria que mais receberam incentivos foram o metalúrgico e textil. A mão-de-obra direta aumentou de 2.974 para 4.466, um incremento da ordem de 50,2% e o número de indústria passou de 212 para 294 (14).

O município de Campina Grande, de acordo com a localização dos depósitos minerais jazentes no subsolo, paraibano, se sobressai com maior participação, em função da produção nos recursos minerais conhecidos como Bentonita, Calcário, Pedra, Argila e Areia. (15)

A partir de 1980, o governo municipal constrói um espaço físico na periferia da cidade, para transferir a atuação das oficinas mecânicas que estavam no centro da cidade. É a criação do distrito dos mecânicos, no qual a sua criação e desenvolvimento será a preocupação do próximo capítulo.

CAPÍTULO II - CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO
DO MECÂNICOS EM CAMPINA GRANDE.

1. O DISTRITO DOS MECÂNICOS: CRIAÇÃO E EXPANSÃO

O distrito dos mecânicos de Campina Grande foi criado pela prefeitura municipal no ano de 1980. Quatro anos mais tarde foi evidenciado oficialmente a sua inauguração.

Também conhecido como Distrito de Serviços Mecânicos - DSM, o Distrito dos Mecânicos está localizado na periferia da cidade, próximo ao Distrito Industrial.

Com uma área equivalente a 19,3 hectares, o Distrito foi construído com recursos captados através do município, Estado e conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano - O CNDU, totalizando uma área construída de 25.000 m².

O Distrito de Serviços Mecânicos constava no período de sua criação de um bloco comunitário com 49 lojas destinadas à venda de peças e acessórios, uma escola mecânica do SENAI, uma central telefônica, um posto policial, administração, lanchonetes e um posto médico.

Quanto ao desempenho das atividades mecânicas, o Distrito dos Mecânicos conta, desde a sua criação, com dois blocos de oficinas. No início, o bloco B1 contava com 210 oficinas de 12 x 9,50 metros. O bloco B2 ficava com apenas 34 oficinas, totalizando um número de 154 oficinas(16).

Ainda se verifica na estrutura montada no Distrito uns abrigos reservados para sucatas, um número de 10 abrigos para armazéns carga e descarga. Além de abrigos para pedestres e um micro-posto de gasolina.

A criação do espaço físico dedicado ao desempenho das atividades mecânicas é dotada de toda uma história de resistência à saída do seu antigo local de trabalho.

Antes da criação do Distrito dos Mecânicos, as atividades mecânicas se encontravam dispersas pelo centro da cidade. Os mais variados tipos de oficinas desempenhavam a sua produção mecânica livremente. Pagavam o aluguel dos mais variados espaços físicos encontrados pelo centro de Cam

pina Grande, e, ali mesmo desenvolviam as suas atividades. Sendo localizadas no centro da cidade, as oficinas mantinha uma relação mais direta com os clientes, devido a facilidade de acesso entre eles. (17)

^{o/ban} A partir de 1980, a prefeitura municipal de Campina Grande começou mais frequentemente os efeitos da prática dispersa dessas atividades mecânicas pelo centro da cidade. Não demorou muito para que o poder executivo do município elaborar um projeto de aglomeração de todas essas oficinas no eixo central da cidade. Surge então DSM - O Distrito de Serviços Mecânicos.

Os argumentos apresentados pelo poder executivo municipal para a criação do Distrito, baseavam-se em torno de dois pontos principais, ligados à produção e outro de caráter urbanístico.

O primeiro justifica a criação do distrito, objetivando principalmente o proporcionamento do fortalecimento das atividades mecânicas, bem como a valorização da camada trabalhadora através de sua concentração no espaço físico organizado. Desta forma, haveria um melhoramento das condições de trabalho, incentivo, aperfeiçoamento e ampliação da capacidade de atendimento. (18)

O outro aspecto justificativo, trata a criação do distrito dos mecânicos como uma solução urbanísticas para a cidade de Campina Grande. Isso, devido, a grande ampliação dos serviços mecânicos, de forma constante e desordenada. Tal crescimento acarretou o comprometimento técnico dos trabalhos devido à precariedade das instalações, interferência nas funções comerciais, congestionamento do tráfego no centro da cidade, poluição sonora e ambiental. Com a transferência das oficinas para o DMS, haveria uma melhoria nas condições de trabalhos mecânicos, pois as oficinas aumentariam satisfatoriamente o seu espaço útil, provocando ainda, mudanças no espaço físico urbano de Campina Grande.

Com a construção do prédio pela prefeitura - começou a transferência de muitas oficinas para o novo local reservado ao trabalho mecânico. A saída não se efetivou de forma total. Muitas das oficinas resistiram à transferência para o distrito dos Mecânicos(19).

A prefeitura municipal de Campina Grande exigiu de forma total, a saída dos mecânicos do centro da cidade. Caso contrário, seria aplicado uma multa de valor relevante aos mecânicos resistentes. A resistência dos mecânicos foi vitoriosa. Muitas oficinas continuaram desempenhando as suas atividades profissionais no centro da cidade e nada lhes aconteceu.

A resistência dos mecânicos partia do princípio do descrédito forte no funcionamento lucrativo (o que acontecia relativamente no centro da cidade) das oficinas ao serem transferidas para o distrito reconformado. Isso devido a distância do DSM do centro da cidade, dificultando assim, a vinda de clientes para realizarem os seus serviços mecânicos.

Apesar desse forte fator negativo para alguns mecânicos, existiam aspectos de considerável importância para o desenvolvimento de suas atividades mecânicas. Era a apresentação de uma possibilidade de existir uma infraestrutura positiva para o setor mecânico da indústria campinense.

Os aspectos, positivos dessa infraestrutura conseguiu atrair um grande número de proprietários de oficinas. Sendo o "Distrito dos Mecânicos", tratado como uma aglomeração de oficinas, casa de peças, casas comerciais e sucetas destinadas ao serviço de automóveis, poderia contar com uma boa infraestrutura como (20).

- A existência de água encanada;
- A existência de luz elétrica;
- A presença de um forte saneamento básico;
- Coleta de lixo;
- Transporte disponível e segurança pública;
- Etc.

Dessa possível boa infraestrutura transferida para o "Distrito dos Mecânicos", o aspecto que mais atraía os mecânicos era a inexistência do pagamento do espaço físico de trabalho. Seria uma economia vantajosa para os bolsos dos proprietários. Daí, a sua não hesitação maior de transferência.

Ainda não existe nenhuma avaliação para analisar os efeitos dessa "subvenção indireta" (o não pagamento de aluguel) sobre a viabilidade, econômica do projeto, "Distrito dos Mecânicos" (21).

A partir daí, o Distrito dos Mecânicos, começa a desenvolver - suas atividades de trabalho como uma verdadeira comunidade mecânica. As diversas oficinas e suas também diversificadas prestações de serviços, começam a praticar suas atividades mecânicas.

Segundo José Celestino, antigo proprietário (. presente desde a criação do distrito); proprietário da oficina de enrolamento de motores elétricos e recondicionamento de bateria, houve no início uma lentidão do desenvolvimento das atividades mecânicas. "No início era muito difícil a vinda de clientes, devido o complicado acesso, deixando muitos proprietários desanimados"(22).

Apesar das dificuldades inicialmente enfrentadas, o Distrito dos Mecânicos foi aos poucos ganhando um maior espaço da clientela que usa - vam as prestações dos serviços das oficinas do centro da cidade, e conseguindo se expandir interno e externamente.

2. AS OFICINAS:

Segundo as pesquisas efetivadas, até 1988, existiam 154 oficinas. O tamanho das oficinas varia de 1 a 3 portões, sendo que as vezes se ocupa duas oficinas vizinhas.

As oficinas são portadoras das mais variadas tipos de serviços mecânicos. Da lanternagem e pintura de automóveis à consertos exóticos como choveiro de automóvel, reparo de businas, reparos de cano de escape, entre outros.

Com a expansão dos trabalhos mecânicos do Distrito, o número de estabelecimentos ^{foi} ampliado, segundo o levantamento mais recente, como mostra a tabela abaixo:

TABELA 4. ESPECIALIZAÇÃO DAS OFICINAS DO DISTRITO DOS MECÂNICOS: 1992. *4*

ESPECIALIDADES	Nº DE OFICINAS	%
Lanternagem e pintura	140	65,12
Ferramenteiros e construção de aparelhos	10	4,65
Recondicionadores de peças de automóvel e caminhão	10	4,65
Pequenas manufaturas	16	7,44
Conserto de máquinas pesadas	04	1,83
Outras atividades	35	16,28
TOTAL	215	100,00

FONTE: Questionário Aplicado no Distrito dos Mecânicos -

Março de 1992.

Na verdade, o Distrito dos Mecânicos é todo um mundo ao redor do carro. São poucas as oficinas que se empenham parcialmente ou totalmente num serviço além do carro. Mas, elas existem.

Funcionam no Distrito ferramenteiros, oficinas de construção e conserto de aparelhos, chaparia, manufatura de presilhas para cubo de rodas de mercedes Bens (caminhão) e tachas para chulcar, assim como especialista em reparo de antenas parabólicas.

A maioria das oficinas são organizadas como empresas industriais e poucas como sociedades. Os sócios estão frequentemente dentro da empresa, participando do processo produtivo.

Muitas oficinas operam com 1 a 3 empregados. Algumas, em sua minoria, não tem empregados. A média geral de número de empregados em cada oficina chega em torno de 04 operários (23).

O tempo de instalação das oficinas é bastante diferenciado. A maioria está com menos de 5 anos de funcionamento. Existem as oficinas veteranas que estão funcionando desde a data da fundação do Distrito.

A realização da posse das oficinas se deu dentro de um contexto de formalidade entre os mecânicos e a prefeitura municipal. Esta apresentava um alvará para ser exigentemente assinado pelos mecânicos que desejasse se instalar no reconformado distrito.

É certo que as oficinas que se encontram dentro do Distrito dos Mecânicos desenvolvem as suas atividades mecânicas com enorme importância para a clientela e o setor mecânico da indústria de transformação de Campina Grande. Mas, não podemos compará-los de forma alguma com as pequenas, médias e grandes empresas do mundo capitalista (24).

Alguns fatores podem ser apontados como responsável por essa impossível comparação. - Os instrumentos de produção utilizados pelas oficinas são adquiridos normalmente de 2ª ou 3ª mão e que são polivalentes. A adequação das máquinas é um fato destacável: A inédita competência dos mecânicos é capaz de manter a velha maquinária em funcionamento, sempre adap

tendo a mesma às necessidades dele. Na pequena oficina evidencia - se pequenas e grandes inovações tecnológicas sem maiores gastos (25).

Outra característica específica das pequenas oficinas, é observado quanto a forma de vincular o trabalho à oficina. Em alguns casos o dono da oficina é sozinho responsável pelo trabalho lá efetivado. Ele é responsável por todas as tarefas; desde a compra dos materiais, passando pelas funções administrativas e a produção, até a sua própria venda

No entanto é normal que em alguns momentos esse dinâmico proprietário recorra aos familiares ou parentes, aos amigos ou vizinhos que estejam sem trabalho. Quando aumenta o movimento das atividades mecânicas em sua oficina, é comum se contratar temporariamente mais trabalhadores. O emprego gerado nessas condições é instável e as relações são muito informais.

Podemos apontar também a deficiência das maioria das pequenas oficinas quanto a divisão técnica de trabalho. São poucas as oficinas que têm uma localização lógica de trabalho dentro do espaço físico da oficina (26).

As pequenas oficinas apresentam um grande poder de flexibilidade. Elas têm a capacidade vantajosa de acomodar-se a situações difíceis com grande facilidade. Como no caso de mudar de um produto ou serviço para outro. Essa flexibilidade claramente observada, devido a polivalência das máquinas e ferramentas, além de não existir dentro das oficinas, instalações sofisticadas que representem grandes investimentos de capital.

Apesar dessa forte característica anteriormente apresentada, existe duas manufaturas que fazem dessa simplicidade dentro das oficinas.

As oficinas encarregadas na construção de aparelhos e de ferramentas dispõem sobre mais máquina especializadas onde têm uma maior divisão de trabalho e onde os donos nem sempre (dois sócios) trabalham na produção ou nem na empresa (27).

Também são nessas oficinas onde se expressa um maior grau de

criatividade, com vastas ambições a inovações técnicas e de novos produtos. Foram a liberdade de atuação e a forte capacidade de criatividade, que impulsionavam à decisão de se manter uma oficina própria depois de uma larga experiência laboral na indústria.

É também nesse setor, onde se sente mais a falta de trabalhadores qualificados e onde a flutuação do pessoal se torna uma dificuldade.

3. A PRODUÇÃO DESENVOLVIDA NO DISTRITO DOS MECÂNICOS

O Distrito dos Mecânicos ocupa uma importante colocação dentro da economia industrial campinense. Representa a força maior do setor mecânico da indústria de transformação. A sua produção está diretamente ligada ao conserto de automóveis. O que não impede também de existir outras atividades ligada à maquinária pesada.

A maioria das oficinas se abastece com matéria-prima compradas nas casas comerciais do centro de Campina Grande. Os recondicionadores, de peças compram nas ferros-velhos e nas sucatas, ou recebem algumas peças através da troca (peça velha por peça recondicionada na própria oficina. Alguns ferramenteiros precisam comprar às vezes, aços especiais em Recife.

Ao conseguir comprar pessoalmente a matéria-prima, o proprietário enfrenta o trabalho de transportá-la. Este transporte é realizado através de distintas formas. As vezes é efetivado em como particular através de transportadora. Outras vezes pode acontecer do próprio vendedor levar diretamente o produto, ou se transportar mesmo nos meios de transporte público, como ônibus e taxi (27).

O sistema de vendas é um pouco mais complexo.

A grande maioria das oficinas produz o conserto por encomenda. Outras fabricam também para estoque.

A freguesia está localizada principalmente em todo o estado da Paraíba, e em particular, a cidade de Campina Grande. A produção desenvolvida pelos ferramenteiros é considerada a mais ampla. Eles fazem trabalhos também para as indústrias de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia (28)

O Distrito dos Mecânicos também consegue atingir o setor da agricultura. No grupo de construção e conserto de aparelhos, é observado prestações de serviços de conserto de máquinas agrícolas. Existe também oficinas que constrói pequenas máquinas para casa de ferinha (mandioca) e cata-

ventos. Esses serviços são orientados no sentido de atingir beneficentemente os empresários rurais e agricultores(20).

Todas as atividades mecânicas desenvolvidas dentro do Distrito, são movimentadas no contexto comunicativo de divulgação das atividades, afim de expandir a produção desenvolvida e atrair uma maior clientela. Para superar esse contexto, a desvantagem que surge a partir da distância ao Distrito, é coberta com o tradicional "ponto na rua", onde os mecânicos visitam frequentemente a feira central, buscando atingir o mercado de farinha, para encontrar-se com freqüeses, recebendo e empregando trabalhos no lugar.

Os recondicionadores de peças, às vezes, realizam "contratos orais" com empresas de ônibus, com coca-cola, e com outras firmas, ou com a prefeitura. O contrato visa trocar peças estragadas por peças recondicionadas.

Existe, mais é muito pouco o inter-relacionamento dos serviços dentro do Distrito. As vezes ferramenteiros fazem algum serviço para outra oficina ou empresta uma máquina.

Toda a produção é desenvolvida para ser dirigida para fora do Distrito. Esse mundo externo, também é dono de uma relativa concorrência. O que nem sempre é aceito pelos mecânicos do Distrito (31).

Quanto ao poder da propaganda, nem sempre é bem vista pela maioria dos mecânicos, como causa propulsora de maior expansão da produção. Os principais meios de propaganda que se utilizou no passado foram a propaganda falada (através de amigos e fregueses), o cartão de representação, avisos nos jornais e o calendário (32).

Os mecânicos acreditam que para expandir a produção e manter a freguesia, o fundamental é existir uma boa qualidade no trabalho, uma forte responsabilidade, um tratamento simpático e amigável, além de um preço consideravelmente baixo.

Os preços são de enorme importância para o bom funcionamento da

produção. São reajustados de acordo com o índice da taxa de inflação ou no custo da matéria prima.

Os preços são levados à freguesia em formas de cobranças distintas. As vezes, o cliente tem o prazo de 30 dias para efetuar o pagamento. Outras, ele paga 50% do valor do trabalho por adiantado, ficando os 50% restantes para ser pago na entrega. Por último, dependendo do valor do trabalho efetivado e das condições financeiras do cliente, o pagamento é realizado a vista na entrega. Isso acontece não muitas vezes, levando em consideração a crise financeira avassaladora que ronda a sociedade brasileira como um todo. (33)

Sendo a liberdade de criatividade uma das características mais importantes para quem escolheu ser proprietário de oficinas, o brilho de suas idéias renovadoras não demora a aparecer. Incrementando dessa forma a produção desenvolvida dentro do Distrito.

Um exemplo disso, são os projetos já evidenciados desde 1988 de lançamentos de novos produtos no mercado, por parte de alguns microempresários. Produtos como de utensílios domésticos, máquinas para material de automóvel, novas linhas de chaparia, máquina para tirar a goma de mandioca. Esse projeto representa na verdade, os passos qualitativos que são dados pelo Distrito, e que deveriam receber uma ajuda significativa por parte do município para que pudesse cada vez mais fortalecer o setor mecânico da indústria de Campina Grande.

4. OS OPERÁRIOS NO DISTRITO DO MECÂNICOS

Não existe um número grande de trabalhadores empregados em cada oficina. Estas, apresentam um número de 1 a 5 operários.

A questão da formação profissional dos empregados é bastante diversificada. Alguns conseguem adquirir um curso profissionalizante oferecido pela escola do SENAI, ou até mesmo dentro da própria oficina onde trabalham, sendo ensinados, pelo próprio proprietário. Outros, não conseguem ter nenhuma formação profissionalizante e ficam a mercê de trabalhos menores.

A maioria dos operários do Distrito dos Mecânicos não trabalham com carteira assinada. Eles ganham um valor em dinheiro que não pas - sam muito além de 1 salário mínimo. (34)

A situação dos empregados dentro do Distrito dos Mecânicos não é nada fácil. As atividades mecânicas são executadas sem muita segurança de trabalho, colocando o empregado à uma facilidade ocidental, muito grande.

Normalmente os operários executam de 5 a 8 horas de trabalho Mas enfrentam um grave problema quanto a estabilidade de emprego. Este, depende muito do andamento do setor de produção de cada oficina. (35)

Existe dentro das oficinas do Distrito dos Mecânicos, uma espécie de imigração de mão-de-obra. Os trabalhadores podem trabalhar numa determinada oficina durante um tempo limitado. Isto é, num período que houver um forte aumento de serviços a serem realizados, necessitando porém, de um número maior de empregados. Podendo ser dispensado a qualquer hora que houver uma diminuição ou inexistência de trabalhos, indo procurar de imediato uma nova oficina para desenvolver os seus serviços mecânicos.

5. A RELAÇÃO ENTRE PEQUENOS PROPRIETÁRIOS E EMPREGADOS NO DISTRITO DOS MECÂNICOS.

De imediato, se verifica uma grande diferença entre a história profissional do proprietário e a do empregado das oficinas, provocando assim, de forma simples uma superposição de posturas de comportamento durante o relacionamento no ato produtivo.

A maioria dos proprietários das oficinas mecânicas, tem uma rica história de trabalho. Quase todos inicialmente tem uma vasta experiência, com 30 ou mais anos no ramo. Esse dado também indica que a maioria deles está numa idade de aproximadamente 50 anos (36).

Os proprietários denominados ferramenteiros passavam quase sempre por curso profissional no SENAI; e, muitos trabalharam durante muito tempo na indústria local e nacional. Alguns se firmavam no ramo, como autônomos, outros aprenderam com o pai. A maioria deles trabalhou também fora de Campina Grande e Paraíba (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e outros estados do Nordeste).

Quanto aos operários que são empregados nas oficinas tem uma história quase sempre, totalmente diferenciada. São quase todos relativamente mais novos e com raríssimas com grande experiência de trabalho mecânico. Poucos são os que conseguiram fazer algum curso profissionalizante.

Por ser profissionalizante superior, o proprietário exige qualidades fundamentais de seu empregado. Este tem que ser uma pessoa de responsabilidade, ser apto, ser calma, ser direita, não viciada, ter respeito, pontualidade, conhecimento do SENAI, etc. As principais dificuldades com os empregados, visto pelos donos das oficinas, são a irresponsabilidade, a falta de conhecimento profissional, a falta de respeito um pelo outro, e a flutuação (37).

Os empregados não afirmam nenhum grau de exploração de trabalho. Mas, se sentem inseguros quanto a estabilidade de emprego, quanto as condições seguras do trabalho.

CAPÍTULO III - A REALIDADE POLÍTICA E SOCIAL DO DISTRITO
DOS MECÂNICOS NOS DIAS ATUAIS

1. PROBLEMAS ENFRENTADOS PELO DISTRITO DOS MECÂNICOS NOS DIAS ATUAIS

Desde a sua inauguração e completo funcionamento, que o espaço físico denominado "Distrito dos Mecânicos", vem passando por inúmeras dificuldades. A afirmação se torna tão verdadeira, que nos é chegado através de depoimentos de outros mecânicos, que muitos proprietários de oficinas não conseguiram desenvolver as suas atividades dentro do Distrito, e voltaram a se instalarem no centro da cidade.

Isso se deu devido alguns problemas básicos de infraestrutura, ainda presente no Distrito. Só pensava que a criação do Distrito dos Mecânicos em Câmpina Grande seria uma oportunidade de se desenvolver o setor mecânico da indústria campinense. Para isso, era necessário a formação de toda uma resistente infraestrutura que deveria ser financiada pelos órgãos superiores do município e pela FIEP. E não apenas a doação de um prédio com uma assistência pública nada satisfatória (39).

Os problemas enfrentados pelo Distrito dos Mecânicos atualmente são os mais diversos possíveis. Estão localizados desde o fortalecimento e propulsão da ação direta da produtividade, até questões mais simples como o abastecimento de água e de eletricidade do Distrito.

Quanto a este último problema, as reclamações e tumultuamento são constantes. O pagamento de energia elétrica por parte dos mecânicos, é considerado altíssimo; e é pago diretamente na CELB. Também realizado diretamente na CAGEPA, o pagamento de água é mais problemático. Segundo as reclamações dos usuários, o Distrito não conta com um controle contábil, dos gastos efetivados realmente pelo Distrito, chegando um valor altíssimo muito além do que poderia ser gasto. Além de existir um número realtivo de contas atrasadas para serem pagas. Esse problema também ainda não foi resolvido pela Associação dos Mecânicos. (39)

A produção desenvolvida pelas oficinas também é afetada diretamente devido a alguns aspectos da atual realidade do distrito. As oficinas enfrentam dificuldades quanto a existência de profissionais competentes pa

ra trabalhar, quanto à tradicional distância do centro da cidade que sempre dificultou a presença do cliente, o apoio financeiro do estado, divulgação da prestação de serviços. A falta de cliente, de material de trabalho, a falta de mão-de-obra, a falta de capital e outras mais dificuldades, vem completar esse quadro de dificuldades enfrentadas hoje pelo Distrito dos Mecânicos.

Apesar de todas essas dificuldades de infraestrutura, as atividades mecânicas continuam se expandindo de forma relativamente relevante. Logicamente, que se pelo menos uma parte desses problemas fossem resolvidos, haveria um maior rendimento da produção mecânica do Distrito. Não passando assim, como já foi observado, por um baixo nível de produção de suas atividades.

Atualmente, o Distrito dos Mecânicos conta com um número de oficinas muito além do que em sua fase inicial. Mostrando dessa forma, uma importante exposição das atividades mecânicas, com o aumento do número de estabelecimentos. Todos os blocos de oficinas estão em pleno funcionamento, tornando muito difícil, a entrada de novos proprietários para trabalharem no Distrito, devido a não existência de oficinas (40).

O proprietário de uma oficina no Distrito dos Mecânicos pode livremente vender o seu estabelecimento para outro mecânico. O que nem sempre vem acontecendo, pois os mecânicos, apesar das dificuldades, enfrentadas e da crise geral financeira que assola o país, não pensam em deixar as suas atividades no Distrito.

A prefeitura municipal de Campina Grande parece não obter um respaldo positivo dentro do Distrito. Os donos das oficinas não querem nenhuma intervenção da prefeitura no tocante a uma definição de um planejamento para um adquirento de lotes e da transferência das propriedades. A principal acusação apresentada contra a prefeitura se dá no sentido de não cumprimento da lei que proíbe o serviço mecânico no centro da cidade.

É interessante como se torna frágil e quase inexistente a assistência do poder executivo do município de Campina Grande às atividades mecânicas do Distrito. Sendo a própria mãe do projeto de criação de uma espa

ço físico que dedicasse exclusivamente às atividades mecânicas, teria a prefeitura municipal, que atuar com mais responsabilidade, dando apoio financeiro ao distrito (48).

Na verdade, apesar de funcionar, o Distrito dos Mecânicos de Campina Grande carece de toda uma estrutura que possibilite um bom funcionamento das oficinas. Os problemas a serem resolvidos são em grande número, e deveriam ser resolvidos.

2. A VIDA POLÍTICA NO DISTRITO: A ASSOCIAÇÃO DOS MECÂNICOS

Como toda comunidade organizada, o Distrito dos Mecânicos de Campina Grande desenvolve toda uma atividade política interna, para que se possa desenvolver toda uma produção de trabalho de forma sistemática e progressista.

O Distrito conta com uma associação própria. A AMCG - Associação dos Mecânicos de Campina Grande, foi fundada no dia 31 de Março de 1982. Em 1988, a Associação tinha 180 filiados, entre mecânicos, dono de oficinas e os denominados não proprietários (autônomos, que trabalham por conta própria).

Cada filiado da Associação paga uma taxa em dinheiro para a sustentação financeira da organização. Em 1988 o valor da taxa oscilava entre Cz\$ 30,00 a Cz\$ 50,00. (42)

O processo de sucessão presidencial da Associação é realizado a cada dois anos. As eleições recebem um teor de particularidade secreta, e a sua participação só é possível mediante o pagamento em dia das taxas de colaboração que são mensalmente cobradas aos seus filiados.

Dentre as mais variadas atividades à Associação dos Mecânicos de Campina Grande, a tarefa mais importante que esta cumpre, é que lhes dar um certo poder, é o direito tanto de dividir os lotes quanto de passar as chaves dos espaços de trabalho.

A Associação dos Mecânicos de Campina Grande foi fundada no sentido de ser representante direto de toda comunidade mecânica do Distrito. Tem esta, o poder de reivindicar um melhoramento da infraestrutura do Distrito dos Mecânicos como. (43)

- exigir a pavimentação das ruas do Distrito
- lutar pela instalação de uma agência bancária
- abrir um posto médico odontológico
- ampliar o Distrito para poder receber mais mecânicos do centro
- instalação de mais linhas telefônicas
- etc.

São essas reivindicações que dão vida a política estabelecida dentro do distrito, onde se encontra à frente a AMCG. Além das importantes exigências tradicionais de uma boa infraestrutura, se verifica também dentro da Associação a possibilidade de se criar projetos que possam implementar cada vez mais a realidade do Distrito. Um dos mais interessantes projetos realizados pela associação foi o denominado "Distrito Escola".

O projeto procurava integrar os meninos de rua ao trabalho mecânico. Além, de lhes proporcionar também o tradicional ensino escolar no próprio distrito. Os meninos de rua deveriam ter a oportunidade de aprender meio dia na escola e passar meio expediente nas oficinas trabalhando em cada uma, um ou dois meninos. (49)

O projeto é de enorme importância para fortalecer a política da Associação diante de toda comunidade do distrito. Além, de ser um projeto que coloca a AMCG como agente de plano de verdadeiro cunho de ação social. Tendo como principais metas, criar uma maior mão-de-obra qualificada e ajudar diretamente a situação de vida dos meninos de rua.

A Associação pretende também tomar a administração pública do distrito que até hoje está com a prefeitura.

Todos os problemas a serem resolvidos pela Associação são discutidos em reuniões semanais realizadas pela diretoria em sua sede. Assim, como também as práticas políticas a serem afetivadas em prol da comunidade mecânica do distrito, ou cultural como as tradicionais festas realizadas afim de arrecadar fundos financeiros para os cofres da Associação.

Como toda prática política, a desenvolvida pela a AMCG é dotada de críticas negativas e apoio da comunidade interna. As opiniões dos mecânicos em torno da atuação política da Associação são muitas diversas. Alguns dizem claramente não observarem nenhuma conquista política da Associação desde a sua fundação. Outros mecânicos, acham a participação vitoriosa da Associação na conquista principalmente, de objetos para a comunidade mecânica como um todo. (49)

Na verdade, para a Associação dos Mecânicos de Campina Grande desenvolver um trabalho que possa melhorar totalmente a situação das atividades mecânicas desenvolvidas dentro do distrito, é preciso que haja uma maior participação ativa de seus associados. O que normalmente não vinha acontecendo.

Os mecânicos acham que a participação na Associação é muito importante. Isto porque, ajude a resolver os problemas em conjunto " para conseguir melhoramentos", porque também a aglomera a classe, garante uma melhora na manutenção do Distrito, porque tem um caráter comunitário, e defende a classe.

Apesar de se constatar um trabalho efetivado pela Associação, os mecânicos acham que ela deveria atuar de forma mais competente. Isso se deria no sentido de fortalecimento de sua diretoria, na qual pudesse propor uma companhia que viesse a motivar os atuais associados de uma luta contra órgãos de Estado e a favor dos associados, com a captação de mais recursos financeiros para o distrito.

A Associação dos Mecânicos de Campina Grande apresenta alguns problemas que prejudicam o bom funcionamento das atividades políticas da entidade. Um deles se constitui numa atração de distintos sócios ativos pelos mecânicos paternalistas de resolver as dificuldades internas do distrito. Isso significa que se está sempre na procura de uma ajuda externa que vem proporcionar uma forte dependência da boa vontade de prefeitos, candidatos à prefeitura, Deputados, etc. (45)

Na verdade, a política desenvolvida pela a Associação dos Mecânicos de Campina Grande, vem cair na chamada "politicagem" que tanto se faz presente na vida política nacional. A fragilidade de membros da maioria das diretorias estabelecidas, no sentido de impor uma política própria, forte e combatidora aos empecilhos que barram o desenvolvimento produtivo do distrito, torne incapaz de uma representação política que seja totalmente legitimada por toda a comunidade mecânica.

Outro problema também observado dentro da Associação, consiste na pouca motivação e conscientização dos associados e conseqüentemente a

participação precária destes nas atividades políticas posta em prática pela Associação.

Como toda associação observada dentro da sociedade brasileira , a AMCG, também encontra dificuldades de desenvolver uma política que consiga atrair politicamente a participação dos seus associados. A falta de uma maior conscientização política de seus membros e a fragilidade política das diretorias são responsáveis pela a observação desse quadro problemático(49).

Somando-se a esse quadro, encontramos as estruturas financeiras, administrativas e organizativas da Associação que não conseguem dar uma base para um bom funcionamento da entidade.

Apesar de todas as dificuldades e carências, a Associação dos Mecânicos de Campina Grande parece funcionar politicamente dentro do Distrito. Atualmente a diretoria ainda não conseguiu amenizar problemas menores que vem abalando os nervos de todos os mecânicos como o caso da não contabilização regular e pagamento das contas atrasadas de água. O problema da água é o mais atuante dentro do distrito de hoje.

3. AS OFICINAS FORA DO DISTRITO DOS MECÂNICOS

Além das oficinas estabelecidas dentro do Distrito dos Mecânicos, existe também, as oficinas que funcionam normalmente fora desse espaço físico.

Constituem na verdade, um número superior a 50 oficinas. Desenvolvendo os mais variados tipos de trabalhos mecânicos como: Lanternagem e pintura de automóveis, mecânica, etc. Além das oficinas de serralheria localizadas perto da feira central.

De acordo com as observações postas em prática, é constatado claramente que as instalações, o equipamento e todo o ambiente da maioria das oficinas localizadas fora do Distrito dos Mecânicos, são consideravelmente inferiores às oficinas do Distrito. Fator este, que não impede de haver uma forte concorrência entre elas, no comando do mercado de trabalho.(48)

Fica então no ar, o por que? da separação das oficinas mecânicas em Campina Grande. Ora, a resposta pode ser historicamente apresentada. A formação e desenvolvimento das atividades mecânicas sempre se efetivou de forma dispersa e isolada. Os mais variados tipos de atividades mecânicas se espalharam por todos os lados de Campina Grande, sendo mais precisamente preenchido o centro da cidade.

A partir de 1960, com a criação do Distrito Industrial de Campina Grande, se observa o desenvolvimento dessas atividades mecânicas já dentro desse espaço concentrado. O que não chega a impedir a forte implantação de vários estabelecimentos mecânicos em Campina Grande. Com o desenvolvimento do trabalho produzido dentro do Distrito Industrial, o setor mecânico desse local vai ganhando um aspecto mais industrializante, sendo a sua mecânica voltada mais para a fabricação e conserto de máquinas pesadas.

Com a criação e inauguração do Distrito dos Mecânicos, já na década de 1980, vários são as oficinas que não aceitam a transferência para o novo local reservado. A resistência é forte e vitoriosa. Daí, até hoje existir oficinas mecânicas que desenvolvem de forma até lucrativa, os seus trabalhos independentes da comunidade distrital dos mecânicos(49).

CONCLUSÃO

Após essa breve abordagem histórica sobre o "Distrito dos Mecânicos", conseguimos mostrar o significado regional que desenvolve os mecânicos do Distrito, como verdadeiras pequenos produtores, dentro da indústria de Campina Grande.

O Distrito dos Mecânicos, representa por si próprios, uma força produtiva do setor mecânico da indústria Campinense. É na verdade, uma sociedade particular que contribui, através dos seus trabalhos prestados à comunidade de Campina Grande, para o desenvolvimento da economia regional do estado da Paraíba.

Os mais variados tipos de serviços desenvolvidos dentro do Distrito dos Mecânicos (Lanternagem, Pintura, Construção de Aparelhos, Ferramenteiros, etc.) deveriam receber um forte apoio financeiro por parte das autoridades públicas municipais e estaduais. Assim, como também deveria haver uma maior assistência infraestrutural ao Distrito dos Mecânicos como um todo. As oficinas, as lojas, posto médico, estradas..., deveriam ser bem equipadas, bem estruturadas, para que o potencial de produção que se desenvolve dentro do Distrito tivesse o seu número aumentado.

Quanto aos mecânicos propriamente ditas, deveriam formar uma diretoria forte e unificada. Que fosse capaz de fortalecer e de se estruturar internamente, construindo assim, uma Associação que dispusesse de uma prática definida, dotada de todo um planejamento econômico e social que estimulasse o desenvolvimento das atividades mecânicos do Distrito. Seria como exigir diretamente dos poderes governamentais, uma política seria que trouxesse uma implementação da produção e dos projetos admiráveis que nascem dentro do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande.

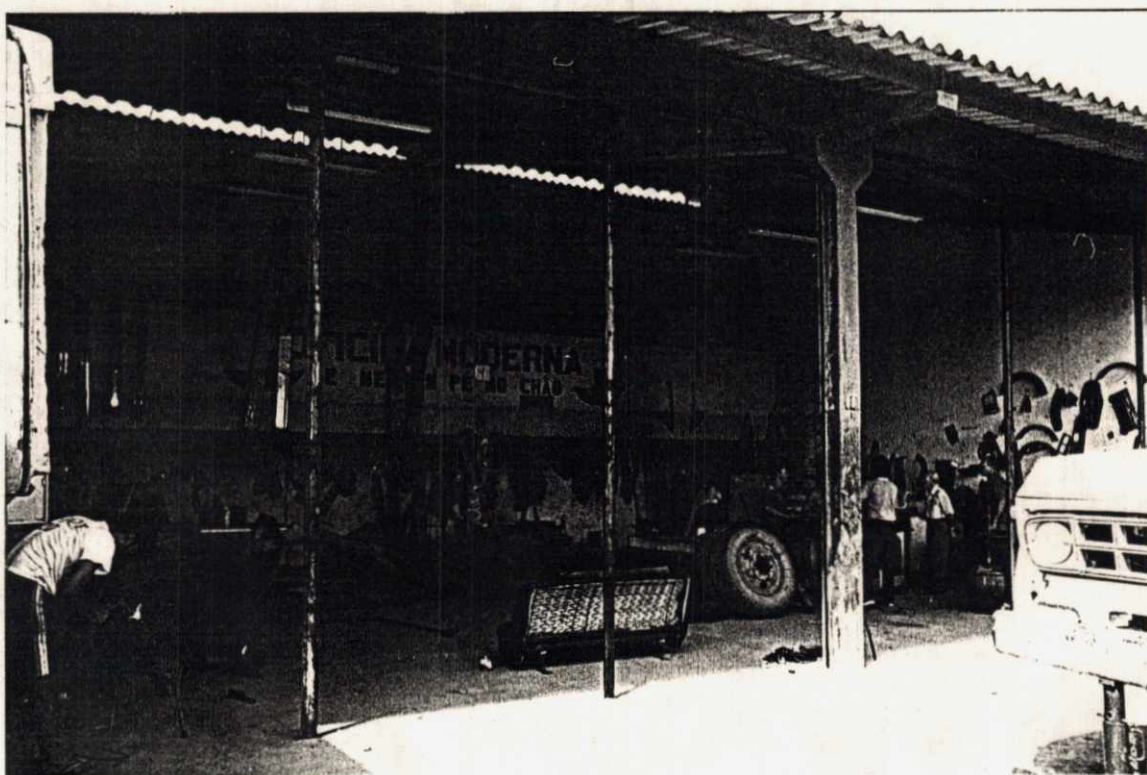
Nada mais satisfatório para a sociedade Campinense do que a prática do projeto "Distrito-Escola", desenvolvido pela Associação dos Mecânicos de Campina Grande. A integração do menino de rua às atividades mecânicos e escolares se constituiria no plano de ação social, um exemplo bem nos

trado pelo Distrito dos Mecânicos às autoridades governamentais da sociedade brasileira como um todo. Mostraria a força criativa de uma pequena comunidade mecânica, atuante no interior do nordeste, que busca resolver seus problemas internos de forma planejada; em contraste com as frágeis e artificiais medidas políticas tomadas pelo governo brasileiro como um todo.

Na esfera econômica, a produção desenvolvida dentro do Distrito dos Mecânicos, representa uma parte significativa de todo o trabalho mecânico praticado no estado da Paraíba. A produção assiste a uma grande parcela de clientes que buscam cotidianamente os serviços prestados por essa comunidade mecânica.

Na verdade, o Distrito dos Mecânicos de Campina Grande, é dono de um trabalho bem qualificado. Apesar da ainda frágil especialização de sua mão-de-obra. Mesmo assim, a maioria dos mecânicos novos e experientes, desenvolvem um trabalho que consegue atrair uma importante clientela, esquecendo dessa forma a grande distância que sempre atrapalhou o rendimento dos serviços prestados pelo Distrito dos Mecânicos.

ANEXO



OFICINA DE CAPOTARIA É MECANICA (PROPRIETÁRIO - NELSON S.DOS SANTOS)





OFICINA DE REPAROS DE MOTORES INDUSTRIAIS E BOMBAS DE TODOS OS TIPOS
(PROPRIETÁRIO - WALFREDO COELHO)



OFICINA DE SERVIÇO DE MÁQUINAS E FORNOS DE PADARIA
TORNEAMENTOS, SOLDAS etc (PROPRIETÁRIO - NOÉ BARBOSA DA SILVA)



OFICINA DE LANTERNAGEM E PINTURA (PROPRIETÁRIO ZEZINHO)



OFICINA FORA DO DISTRITO DOS MECÂNICOS



ESPAÇO RESERVADO ÀS SUCATARIAS



PANORAMA LATERAL DE UM BLOCO DE OFICINAS MECÂNICAS DO DISTRITO



BLOCO DAS LOJAS COMERCIAIS



PREDIO DA ASSOCIAÇÃO DOS MECÂNICOS DE CAMPINA GRANDE

NOTAS

1. CASTRO, Antônio Barros de. Ensaio sobre a Economia Brasileira, 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, Ltda, 1971.
2. "O problema que sempre fez parte da História do Nordeste brasileira. A concentração de renda e da terra no Nordeste prejudicando o desenvolvimento da agricultura". *Fonte:*
3. "As péssimas condições das estradas na parte litorânea da região nordestina, dificultando a comercialização, bem mostrado em Castro". — 7
4. CASTRO, Antônio Barros de. Ensaio sobre a Economia Brasileira, 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, Ltda, 1971.
5. "O processo de migração de mão-de-obra e de capitais para o centro-sul do Brasil".
6. "A perda quantitativa do valor da transformação industrial do setor textil tradicional, a partir de 1970."
7. ALMEIDA, Elpidio de - História de Campina Grande, 2ª ed. João Pessoa Paraíba, UFPB, 1979.
8. Idem.
9. Plano de Ação do Governo - PLANAG (1976-1979) - João Pessoa, A União, 1975.
10. "Justificativa que levou a elaboração do Plano durante o governo de Ivan Bichara".
11. Livro do Município Campina Grande, João Pessoa, UNIGRAA, 1984.
12. "A predominância do setor textil na insipiente indústria de Campina Grande".
13. Livro do Município de Campina Grande, João Pessoa, UNIGRAA, 1984.
14. Censo realizado pelo IBGE 1970.
15. Livro do Município de Campina Grande - João Pessoa, UNIGRAA, 1984.

16. KARL, HENZ ^{Stecher}. Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande. Relatório, 1988.
17. Documentos sobre a criação do Distrito dos Mecânicos - COPLAN - Prefeitura Municipal de Campina Grande.
18. Entrevista com proprietários das oficinas do Distrito dos Mecânicos, Março - 1992.
19. "Não houve uma transferência em massa para o novo local reservado, devido a ausência de um forte crédito por parte dos mecânicos, na perspectiva de lucros financeiros". Entrevista com proprietários das oficinas do Distrito dos Mecânicos, Março de 1992.
20. KARL, HENZ ^{Stecher} - Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande. Relatório - 1988.
21. Documentos sobre a criação do Distrito dos Mecânicos - COPLAN - Prefeitura Municipal.
22. Entrevista com o proprietário de Oficina José Calestino.
23. Questionário Aplicado nas Oficinas do Distrito dos Mecânicos com os proprietários. Março - 1992.
24. "O teor específico das oficinas do Distrito dos Mecânicos", Karl, HENZ Stecher, Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande - Relatório, 1988".
25. KARL, ^{Heinz} HENZ, Stecher. Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande, Relatório - 1988.
26. "A dificuldade de sistematização do trabalho dentro das oficinas por parte dos Mecânicos".
27. KARL, HENZ, Stecher. Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande - Relatório - 1988.

28. Entrevista realizada com proprietários das oficinas do Distrito dos Mecânicos, Março - 1992.
29. Idem
30. Questionário Aplicado com operários das oficinas do Distrito dos Mecânicos em Campina Grande - Março - 1992.
31. "O peso da concorrência efetivada pelas oficinas de fora do Distrito dos Mecânicos, causando o repúdio e descrédito da prefeitura Municipal pelos mecânicos do Distrito".
32. KARL, Henz Stecher. Promoção das oficinas mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande, Relatório - 1988.
33. Entrevista realizada com proprietários de oficinas do Distrito dos Mecânicos, Março, 1992.
34. Questionário aplicado com operários de oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos, Março - 1992.
35. Idem.
36. Idem.
37. Idem.
38. O desprezo dos órgãos do município para com a perfeita estruturação das atividades mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande".
39. Entrevista com o presidente da Associação dos Mecânicos de Campina Grande, Março de 1992.
40. Questionário aplicado com proprietários de oficinas dos Distrito dos Mecânicos, Março de 1992.
41. KARL, Henz, Stecher. Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande. Relatório - 1988.
42. Idem.

43. Entrevista com o presidente da Associação dos Mecânicos de Campina Grande, Março de 1992.
44. "Um projeto de verdadeiro cunho social elaborado pela Associação dos Mecânicos de Campina Grande".
45. Entrevista realizada com os Mecânicos de Oficinas do Distrito dos Mecânicos, Março - 1992.
46. "A fragilidade política claramente observada dentro da Associação dos Mecânicos de Campina Grande".
47. Entrevista com o presidente da Associação dos Mecânicos de Campina Grande, Março de 1992.
48. "Apesar de que em sua maioria apresentarem uma deficiência em suas instalações de trabalho, as oficinas fora do Distrito dos Mecânicos, aparecem como fontes concorrentes destas.
49. Entrevista realizada com proprietários de oficinas fora do Distrito dos Mecânicos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1. FONTES PRIMÁRIAS

- 1.1. Documentos sobre a fundação do Distrito dos Mecânicos - COPLAN (Coordenação de Planejamento) Prefeitura de Campina Grande.
- 1.2. STECHER, Karl Heinz. Relatório da Promoção das Oficinas Mecânicas do Distrito dos Mecânicos de Campina Grande.

2. QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS

- 2.1. Questionários Aplicados no Distrito dos Mecânicos com Proprietários de várias oficinas.
- 2.2. Entrevistas realizadas com representantes da Diretoria da Associação.
- 2.3. Entrevistas realizadas com proprietários e empregados de várias oficinas.

3. BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALMEIDA, Eolpidio de - História de Campina Grande, 2ª ed., João Pessoa Paraíba, UFPB, 1979.
- ALMEIDA, Horácio de - História da Paraíba, João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1978, 2 vol.
- CÂMARA, Epaminondas - Datas Campinenses, João Pessoa, Departamento de publicidade, 1947.
- CASTRO, Antônio Barros de. Ensaio sobre a Economia Brasileira, 3ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, LTDA 1971.
- ECO, Umberto - Com se faz uma Tese, São Paulo, Editora, Perspectivas, 1989.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil, 22ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 1987.

- JOFFILY, Irineu - Notas sobre a Paraíba, Brasília, Thesaurus, 1977.
- LEAL, José - Itinerário da História: Imagem da Paraíba entre 1518 e 1965, João Pessoa, Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, 1965.
- LIVRO do Município de Campina Grande - João Pessoa, UNIGLAA, 1984.
- MARIS, Celso - Evolução Econômica da Paraíba, João Pessoa, A União Editora, 1939.
- OCTAVIO, José. A Paraíba das Origens: À Urbanização, UFPB, Editora Universitária, 1983.
- Plano de Ação do Governo - PLANAG (1976-1979), João Pessoa, A União, 1975.
- PINTO, Irineo Ferreira - Dados e Notas para a História da Paraíba João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 1977 vol. 2.
- PRADO, Jr. Caio, Formação do Brasil Contemporâneo, 18ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1983.